

CIVILIZAÇÃO E ARTIFÍCIO: NARRATIVAS DE VIAJANTES ESTRANGEIRAS NO BRASIL OITOCENTISTA

Margareth de Almeida Gonçalves
Doutora em Sociologia-IUPERJ
Professora Adjunta-UFRRJ

Nesta comunicação¹, busca-se destacar nos relatos de mulheres viajantes que estiveram no Brasil nas primeiras décadas do Oitocentos, as imagens que construíram sobre as mulheres brasileiras. Procura-se explorar como um registro que acentua padrões de comportamento burgueses, que orientou o olhar de viajantes sobre o mundo, não só interfere nas concepções e imagens que constroem sobre a vida nos trópicos, como também propõe um guia de civilidade para mulheres brasileiras.

Um dos registros sobre a mulher brasileira oitocentista que permaneceu para a posteridade foi fixado por viajantes. A baixa percentagem de população letrada resultou na escassez de relatos escritos por mulheres, mesmo uma documentação epistolar, ou de diários e ficção, foi rara e as exceções foram poucas. Portanto, esse vazio de fontes produzidas por mulheres sobre suas vidas encontra uma segunda voz — que é sempre um relato na terceira pessoa — nas publicações de viajantes que descrevem esquetes de suas vidas, seus hábitos e comportamentos.

Num estilo jornalístico, as narrativas de viajantes mulheres mostram impressões sobre uma sociedade em processo de ruptura com o passado luso colonial, do qual desponta a emergência de algo que era associado a uma matriz moderna, a uma Europa não ibérica, de além Pirineus. Assim, vislumbra-se um projeto de aburguesamento dos costumes, numa tentativa de rompimento com o legado colonial, em que os padrões culturais se organizavam através do antigo império português, um mundo que amalgamava elementos africanos, orientais e portugueses.

As biografias das viajantes propunham exemplos de um ideal de mulher adequado aos novos tempos. Por conseguinte, as vidas destas aventureiras ganham relevo, já que suas histórias forjaram um modelo do feminino, que passou a servir também de referência a mulheres brasileiras dos segmentos médios e altos. Um dos ideais de mulher a ser seguido foi oferecido pelas trajetórias dessas *globetrotters*. Ao narrarem seus sentimentos e opiniões sobre as novas terras, as viajantes traçaram uma cartilha de como brasileiras deviam agir para ingressar no seletivo universo civilizado. Ao criticarem os hábitos e as condutas de brasileiras, sugeriram o que resvalava para fora e que configurava um território à parte das transformações burguesas.

No eixo de argumentação que exploro, a matriz civilizatória, introduzida pelos viajantes, foi revalorizada positivamente por setores da elite brasileira que se consolidaram como articuladores de um programa de reocidentalização e modernização. Esta crescente reeuropeização não portuguesa ganhou uma expressão antilusitana, como já indicou Gilberto Freyre². Vale destacar que o

Oitocentos, em especial a primeira metade, mostrou a disseminação desse projeto civilizador num domínio ainda patriarcal.

Num Ocidente em que os ideais de liberdade conquistavam cada vez mais pregnância, as viajantes expressaram a busca de independência — mesmo quando acompanhadas de seus maridos — e de auto-realização, na experiência da aventura através do mundo. Suas trajetórias tinham como antípoda o exemplo que citavam das mulheres que encontraram em países como o Brasil, cujas vidas afirmaram representar uma condição de confinamento aos muros da casa senhorial, de um mundo avesso às transformações burguesas da emergente sociedade industrial. Destarte, as mulheres brasileiras foram percebidas em sua alteridade, da qual a distância e a diferença eram permanentemente afirmadas. Os relatos de mulheres estrangeiras não só indicam o desconforto do confronto com padrões de valores e comportamentos diversos, como revelam o embate entre processos culturais distintos³.

A conexão entre o mundo europeu “civilizado” e esse novo mundo dos trópicos realizada pelos viajantes envolveu, em geral, um duplo processo de enfrentamento e negociação entre valores e concepções de mundo de universos culturais distintos. Essa troca entre culturas dominantes e periféricas engendraram efeitos e experiências na dimensão dos sujeitos que as expressavam. Ou seja, o confronto cultural entre nativos e estrangeiros produziu deslocamentos nos diversos códigos de origem, afirmando novas posições no mundo. Nas zonas de contacto, recorrendo à expressão de Mary Pratt, a desigualdade e a dominação passaram por renegociações e rearranjos, forjando descrições que expressaram esse confronto com a alteridade. Assim, os relatos das viajantes mostram essa fronteira de constante remanejamento de sentimentos e de percepções sobre si próprias e os nativos. Na teia discursiva recalcitram tensões e conflitos que despontavam da experiência com o outro.

Ademais, as viajantes aliaram a experiência de fruição na conquista do desconhecido à da escrita, como reveladora de experiências a um público cada vez mais cobiçoso desse tipo de emoção. A prática de anotações transformou suas informações em diários, que exibiam a meticulosidade de suas observações, num exercício de autodisciplina que impedia a dissolução na embriaguez da paisagem luxuriante das plagas tropicais ou do torpor lascivo de suas populações.

Ao lado da consolidação de uma mentalidade burguesa, as idéias de progresso e ciência, com o seu corolário de uma cultura e civilização superiores⁴, ganharam terreno, juntamente com a condenação do resto do mundo a um *status* inferior. Esse outro mundo não burguês foi apreendido potencialmente como disruptivo e produziu reações contrastantes: o encantamento com a riqueza e a opulência da vegetação, e a paisagem e o estranhamento com o grotesco dos costumes e comportamentos dos nativos. Este é um traço presente tanto em livros de viagens escritos por mulheres como por homens. Mesmo uma mulher sensível e perspicaz como Maria Graham — que, em seu país de origem, escapou à vida doméstica, e que era em geral o destino inescapável para a

mulher⁵, na sua busca de compreensão do outro, manteve uma serena, distante e ativa perspectiva européia, embora percebesse a vida em países exóticos com olhos simpáticos.

Mulheres brasileiras, mesmo as de setores médios e altos, foram descritas como preguiçosas e intelectualmente frágeis, uma vez que dominavam apenas os rudimentos da leitura e da escrita. Na perspectiva das viajantes, as experiências de vida luso/brasileira condenavam as mulheres ao mundo não civilizado. As brasileiras dos segmentos médios e altos, segundo se lê nos relatos, permaneciam em casa e a presença no espaço público resumia-se à participação nos rituais religiosos. As idas à igreja demarcavam espaços que mais pareciam constituir uma continuidade da casa, do que uma experiência no território associado ao público. Maria Graham, durante sua estadia em Olinda, no seu primeiro contato com o Brasil, menciona:

"A festa de S. Miguel fez sair as senhoras portuguesas, das quais não havíamos visto ainda uma só passar pelas ruas."⁶

Devemos ver no mito da reclusão da mulher uma das características mais marcantes dos livros de viagem sobre o mundo português e que permaneceu como representação do universo feminino do passado. A imagem da mulher luso/brasileira encerrada em casa é recalcitrante nos relatos de viajantes e remete para distintas concepções de privado e público que tendeu a impregnar e conduzir a escrita de viajantes. Assim, o privado europeu diferenciou-se da domesticidade luso/brasileira. Caso se procure articular as categorias privado e público no registro brasileiro, desponta uma dimensão do privado extremamente dilatada, a qual incluía um uso pessoal da esfera pública, centrada no *pater familias*. Assim, privado e público tenderam a confluir, indicando uma tendência menor à diferenciação.

A dimensão do público emerge através de uma idéia de rua, percebida como perigosa e desprotegida. Essa separação do doméstico e da rua implicou em experiências distintas de sociabilidade. O convívio social restrito à casa colonial, um universo partilhado por crianças, adultos e escravos, pareceu sempre estranho e desconfortável a estrangeiros.

Miriam Moreira Leite fez referência a esse estereótipo da mulher enclausurada presente no imaginário dos viajantes⁷. Foi a peça central de um manual que viajantes já decoravam antes da chegada a regiões, que como a brasileira, eram desconhecidas e enigmáticas. Assim, a rua foi descrita como domínio de homens e em especial de escravos e das parcelas menos favorecidas da população. As mulheres, negras ou brancas, que freqüentavam as ruas o faziam pela sua condição de pobreza. No entanto, as atividades religiosas e principalmente a ida à igreja formaram um território plenamente ocupado por mulheres dos setores médios e altos. E, lembrando que as festividades religiosas foram constantes e quase diárias, a movimentação social desses segmentos não permaneceu tão reduzida aos espaços da casa. No entanto, viajantes partilharam de uma

demarcação entre privado e público identificada com a ordem burguesa em formação e constituição, como já indicado acima. O tipo de sociabilidade oferecido pelas cerimônias religiosas, e crescentemente ao longo dos oitocentos pela ópera e espetáculos de teatro, aparecem, nos diferentes relatos, mais como uma afirmação do espaço privado em dia de festa.

Os véus e mantilhas, lembrados no romance histórico de Manoel Antonio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*, que teve como cenário o Rio de Janeiro de d. João VI, escondiam os rostos e os segredos femininos e compunham um costume luso-brasileiro que provocaram também comentários variados de viajantes de ambos os sexos. O uso do capote por homens e das mantilhas e véus pelas mulheres à maneira árabe compunha uma marca dos diferentes segmentos sociais. Assim, ocultar o corpo com panos garantiu o anonimato no território percebido como ameaçador das ruas. Uma dimensão do público que o vincula à idéia de perigo. Daí, possivelmente, o recurso aos mantos e véus enquanto preservadores de uma certa concepção de individualidade que teima pelo não reconhecimento, protegendo o sujeito quando fora da atmosfera protetora do domínio da casa. Como no exemplo do *jilbab* islâmico, o recurso às mantilhas por mulheres, um hábito remetido à colônia, garantiu o “ver sem ser visto”, na feliz expressão de Manuel Antonio de Almeida⁸. Assim como as mantilhas, as rótulas nas casas asseguraram o anonimato de quem olhava a rua.

Marianne Baillie, por sua vez, teceu comentários semelhantes sobre as portuguesas que conheceu. Baillie morou dois anos e meio em Lisboa no início da década de 1820 e publicou um livro que resultou da compilação de cartas que escreveu à sua mãe. Baillie⁹ referiu-se à severidade da vida reclusa da mulher portuguesa, que quando no espaço da rua mantinha a distância escondida por véus. No entanto, essa reclusão parecia moralmente frouxa. Marianne Baillie, numa narrativa minuciosa e vigorosa, critica a displicência molenga da rotina da mulher portuguesa. Nas entrelinhas do texto, faz alusão à preguiça, aos hábitos do uso do corpo — sentadas de pernas cruzadas no chão, sinal de uma individualidade não controlada —, à conversa de fofoca, à leitura “deturpada” das *Mil e uma Noites*. Alusões que revelam normas e valores sociais que escapam aos cânones disciplinares de uma concepção de mundo burguesa motivada pela ética vocacional do trabalho.

Nas descrições de viajantes, os costumes brasileiros manifestam a ausência de decoro corporal. O viver luso brasileiro revelou um estilo de vida que pareceu remoto ao cotidiano dessas andarilhos do mundo, e que foi enxergado como incivilizado. Nessa acepção, a exibição de partes do corpo, que o decoro do código civilizado impunha que fossem cobertas, produziu mal-estar e embaraço.

Se acompanharmos as imagens que surgem desses relatos nos deparamos com uma herança colonial de uma concepção sobre a exibição do corpo ainda não associada a sensações de vergonha e pudor. Se a obscenidade é realçada o é muito mais em decorrência do padrão de decoro de quem narra do

que daquele que é observado. Esses relatos mostram o embaraço e o desconforto e a importância que é atribuída ao controle sobre si. Foi a sua ausência transformou brasileiros em quase selvagens. Os corpos, encobertos por inúmeros panos ou desnudados, deixando suas formas visíveis, revelavam sem cessar um *excesso*.

A reclusão da mulher brasileira/portuguesa foi a origem de uma outra “má” formação de comportamento, segundo o texto de viajantes, ou seja, a permanência ociosa nas janelas e balcões das casas, espreitando o movimento da rua. E mais, favoreceu um leque de práticas consideradas grotescas, como a do cafuné e da cata de piolhos.

O falar alto, a algazarra das várias vozes simultâneas, a gesticulação larga e exuberante durante a conversa são sinais de comportamento que mostram *excesso*, de algo que resvala para fora de um código de civilidade identificado ao triunfo da educação sobre a rudeza, uma tipicidade de costumes identificados como luso-brasileiros.

A referência a uma gramática dos gestos é explorada na escrita de Maria Graham durante sua estadia em Pernambuco e realçada como um traço social que aproxima brasileiros/portugueses dos turcos:

“Entre outras coisas, aprendi pela observação enquanto os mais velhos das famílias estavam entretidos nas ruas com os recém-chegados, que os jovens pernambucanos são tão destros no uso de sinais como os próprios amantes turcos, e que freqüentemente um namoro é mantido desta maneira, e termina em casamento sem que as partes tenham sequer ouvido as respectivas vozes.”¹⁰

O viver tropical revelou um estilo de vida que pareceu remoto ao cotidiano dessas andarilhos do mundo, e que foi enxergado como incivilizado. Os costumes brasileiros indicavam a impropriedade. Os corpos, encobertos por inúmeros panos ou desnudados, deixavam suas formas visíveis, revelavam sem cessar um *excesso*. Esse corpo “desalinhado” causava embaraço, como também produzia uma surpresa recatada a exuberância dos olhos que falavam por si, que chamam atenção a Maria Graham em sua viagem ao Funchal, e que remetem a formas de comunicação que aliam sedução e malícia, numa estratégia de escapar a formas de controle na arte de namorar.

Os peitos desnudos, a saliência das formas do corpos, elementos destacados nos relatos de viajantes que podem manifestar mais uma singeleza na exibição física das mulheres que são observadas, mas que examinadas a partir de um padrão que crescentemente sexualizava o corpo, tendem a perceber como falta de recato um certo “à vontade” corporal. Na literatura de viajantes está presente a dissonância entre o mundo europeizado da civilização e os trópicos do *excesso* não contido. Desta forma, a alma feminina tropical é mostrada como rude e simplória.

Referências Bibliográficas

AGASSIZ, Elizabeth e Agassiz Louis. (1871), *A Journey in Brazil*. Boston, Fields, Osgood & CO.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (1994), *Guerra e Paz. Casa-Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro, Editora 34.

BAILLE, Marianne. (1824), *Lisbon in the Years 1821, 1822, and 1823*. London, John Murray, Albemarle-Street.

DAVIDOFF, Leonore. (1995), *Worlds Between. Historical Perspectives on Gender and Class*. Cambridge, Polity Press.

____ e HALL, Catherine. (1987), *Family Fortunes: Men and Women of the English Middle Class, 1780-1850*. London/Chicago, Hutchinson and Chicago University Press.

DONALDSON, Laura E. (1992), *Decolonizing Feminisms. Race, Gender, and Empire-Building*. London, Routledge.

ELIAS, Norbert. (1990), *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

FOUCAULT, Michel. (1966), *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris, Éditions Gallimard.

FREYRE, Gilberto. (1981), *Sobrados e Mocambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.

FREYCINET, Rose de Saulces de. (1927). *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le manuscrit original accompagnée de notes par Charles Duplomb*. Paris, Société d'Éditions Géographiques, maritimes et Coloniales.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. (1990), *Expostos à Misericórdia*. IUPERJ, Dissertação de mestrado, 1990.

GRAHAM, Maria. (1990), *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estadia nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

HALL, Catherine. (1992), *White, Male and Middle Class. Exploration in Feminism and History*. Cambridge, Polity Press.

LANGSDORFF, Baronesa de. (1954), *Journal de la Baronne E. de Langsdorff relant son voyage au Brésil à l'occasion du mariage de S.A.R. le Prince de Joinville 1842-43*. France, Les Amis des Musées de la Marine.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. (1979), *A mulher. Rio de Janeiro (1800-1850)*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, mimeo.

MARTINS, Luciana de Lima. (2001), *O Rio de Janeiro dos Viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

PFEIFFER, Ida. (1852), *A woman's journey round the world. From Vienna to Brazil, Chili, Tahiti, China, Hindostan, Persia, and Asia Minor*. (3ª edição). London, Ingram, Cooke, & CO..

PRATT, Mary. (1999), *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. São Paulo, EDUSC.

ROUANET, Maria Helena. (1991), *Eternamente em Berço Esplêndido. A Fundação de uma Literatura Nacional*. São Paulo, Siciliano.

SAID, Edward. (1994), *Culture and Imperialism*. London, Vintage.

NOTAS

¹ Este texto está inserido no programa de pesquisa intitulado “Civilização e Artifício: modernidade e educação no Brasil do século XIX “ que recebe apoio do CNPq. Numa primeira fase da pesquisa, entre as mulheres viajantes foram estudadas: Rose de Freycinet, Maria Graham, Marianne Baillie, Ida Pfeiffer, Baronesa Langsdorff e Elizabeth Agassiz.

² “Reeuropeização – acentue-se sempre – no sentido inglês e francês; e não no português. Ao contrário: reeuropeização em sentido quase sempre antiportuguês, como se para os anglófilos e francófilos mais exasperados a tradição portuguesa não fosse senão aparentemente européia.” Gilberto Freyre (1981, p.137).

³ Esta linha de argumentação é desenvolvida por Maria Helena Rouanet (1991, p.17): “Afinal, não se pode deixar de levar em conta o fato de esses viajantes ocuparem um ponto de interseção, um lugar intermediário entre dois mundos, entre duas realidades.” Mary Pratt (1999, p.31) recorre à noção de “zona de contacto” para explicar essa articulação: “(...) para me referir ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas.” Ou ainda Luciana de Lima Martins (2001, p.36): ”Na ‘praia’, local onde se dá a jornada da terra para o mar, e do mar para a terra, o viajante é sempre um estrangeiro, incessantemente negociando suas diferenças culturais: olhando do mar para a terra(...).”

⁴ A discussão sobre a relação entre cultura e Império está presente numa extensa literatura. A referência principal aqui é Edward Said (1994). Ver também Laura E. Donaldson (1992).

⁵ Ver Leonore Davidoff e Catherine Hall (1987), Catherine Hall (1992) e Leonore Davidoff (1995).

⁶ Maria Graham, 1990, p. 141.

⁷ "Estas transcrições de textos sobre os costumes das brasileiras, ao lado das transcrições anteriores, permitem desdobrar a análise de dois estereótipos sobre a vida da mulher, no século passado - a reclusão e a religiosidade." Mirian Moreira Leite, op.cit.,p.30.

⁸ "Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário *ver sem ser visto*. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia." [grifo meu]. *Memórias de um Sargento de Milícias*, Apud Margareth de Almeida Gonçalves, 1990, p. 154.

⁹ Marianne Baillie (1824).

¹⁰ Maria Graham, 1990, p.142